A black and white portrait of Roland Barthes, an older man with white hair, wearing a dark jacket and a light-colored scarf. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is dark and out of focus.

**Roland** <sup>o</sup> **Roland**  
**Barthes** <sub>o</sub> **Barthes**

Tradução de  
**Leyla Perrone-Moisés**





# Roland Barthes

por Roland Barthes

Tradução

Leyla Perrone-Moisés



Estação Liberdade

Título original: *Roland Barthes par Roland Barthes*

© Éditions du Seuil, 1975 e 1995

© Estação Liberdade, 2003, para esta tradução

Revisão Tulio Kawata  
Composição e projeto gráfico Pedro Barros e Edilberto F. Verza  
Assistência editorial Flávia Moino e Máisa Kawata  
Capa Wildiney Di Masi / Estação Liberdade  
Ilustração de capa *Roland Barthes em casa*, 1979. Gamma / Keystone  
Editor Angel Bojadsen

**CIP-BRASIL – CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

---

B294r

Barthes, Roland, 1915-1980

Roland Barthes / por Roland Barthes ; tradução Leyla Perrone-Moisés. — São Paulo : Estação Liberdade, 2003 il.;

Tradução de: Roland Barthes par Roland Barthes  
Apêndice

Inclui bibliografia

**ISBN 85-7448-075-4**

1. Barthes, Roland, 1915-1980. 2. Semiótica. 3. Filosofia francesa. I. Título.

03-0766

CDD 194

CDU 1(44)

---

A presente edição reproduz a edição original francesa de 1975 tal como foi desejada e concebida por Roland Barthes para a coleção “Écrivains de toujours” (apelidada *X par lui-même*). A bibliografia foi completada, e alguns documentos em preto e branco (principalmente as reproduções de desenhos do autor) foram substituídos pelas versões originais coloridas.

*Todos os direitos reservados*

Editora Estação Liberdade Ltda.  
Rua Dona Elisa, 116 – 01155-030 – São Paulo SP  
Tel.: (11) 3661 2881 Fax: (11) 3825 4239  
e-mail: editora@estacaoliberalidade.com.br  
<http://www.estacaoliberalidade.com.br>

Tout ceci doit être considéré  
comme dit par un personnage  
de roman.

Tudo isto deve ser considerado  
como dito por uma personagem  
de romance.



*Eis aqui, para começar, algumas imagens: elas são a cota de prazer que o autor oferece a si mesmo, ao terminar seu livro. Esse prazer é de fascinação (e, por isso mesmo, bastante egoísta). Só retive as imagens que me sideram, sem que eu saiba por quê (essa ignorância é própria da fascinação, e o que direi de cada imagem será sempre imaginário).*

*Ora, é preciso reconhecê-lo, são somente as imagens de minha juventude que me fascinam. Essa juventude não foi infeliz, graças à afeição que me cercava; foi entretanto bastante ingrata, por solidão e aperto material. Não é, pois, a nostalgia de um tempo feliz que me mantém encantado diante dessas fotografias, mas algo mais turvo.*

*Quando a meditação (a sideração) constitui a imagem como ser destacado, quando ela a transforma em objeto de um gozo imediato, não tem mais nada a ver com a reflexão, por sonhadora que fosse, de uma identidade; ela se atormenta e se encanta com uma visão que não é de modo algum morfológica (eu nunca me pareço comigo), mas antes orgânica. Abarcando todo o campo parental, a imageria age como um médium e me põe em relação com o "isto" de meu corpo; ela suscita em mim uma espécie de sonho obtuso, cujas unidades são dentes, cabelos, um nariz, uma magreza, pernas com meias compridas, que não me pertencem, sem no entanto pertencer a mais ninguém: eis-me então em estado de inquietante familiaridade: vejo a fissura do sujeito (exatamente aquilo de que ele não pode dizer nada). Disso decorre que a fotografia de juventude é, ao mesmo tempo,*

*muito indiscreta (é meu corpo de baixo que nela se dá a ler) e muito discreta (não é de “mim” que ela fala).*

*Não se encontrarão pois aqui, mescladas ao romance familiar, mais do que as figurações de uma pré-história do corpo — desse corpo que se encaminha para o trabalho, para o gozo da escritura. Pois tal é o sentido teórico dessa limitação: manifestar que o tempo da narrativa (da imageria) termina com a juventude do sujeito: não há biografia a não ser a da vida improdutiva. Desde que produzo, desde que escrevo, é o próprio Texto que me despoja (felizmente) de minha duração narrativa. O Texto nada pode contar; ele carrega meu corpo para outra parte, para longe de minha pessoa imaginária, em direção a uma espécie de língua sem memória que já é a do Povo, da massa insubjetiva (ou do sujeito generalizado), mesmo se dela ainda estou separado por meu modo de escrever.*

*O imaginário de imagens será pois detido na entrada da vida produtiva (que foi, para mim, a saída do sanatório). Um outro imaginário avançará então: o da escritura. E, para que esse imaginário possa desabrochar (pois tal é a intenção deste livro), sem nunca ser retido, garantido, justificado pela representação de um indivíduo civil, para que ele seja livre de seus próprios signos, jamais figurativos, o texto prosseguirá sem imagens, exceto as da mão que traça.*

A demanda de amor.





*Bayonne, Bayonne, cidade perfeita: fluvial, arejada por sonorosas cercanias (Mouserolles, Marrac, Lachepaillet, Beyris), e, no entanto, cidade fechada, cidade romanesca: Proust, Balzac, Plassans. Imaginário primordial da infância: a província como espetáculo, a História como odor, a burguesia como discurso.*



*Por um caminho semelhante, descida regular em direção da Poterna (odores) e do centro da cidade. Cruzava-se aí com alguma dama da burguesia baionesa, que subia para sua vivenda das Arenas, com um pacotinho da loja “Bom Gosto” na mão.*

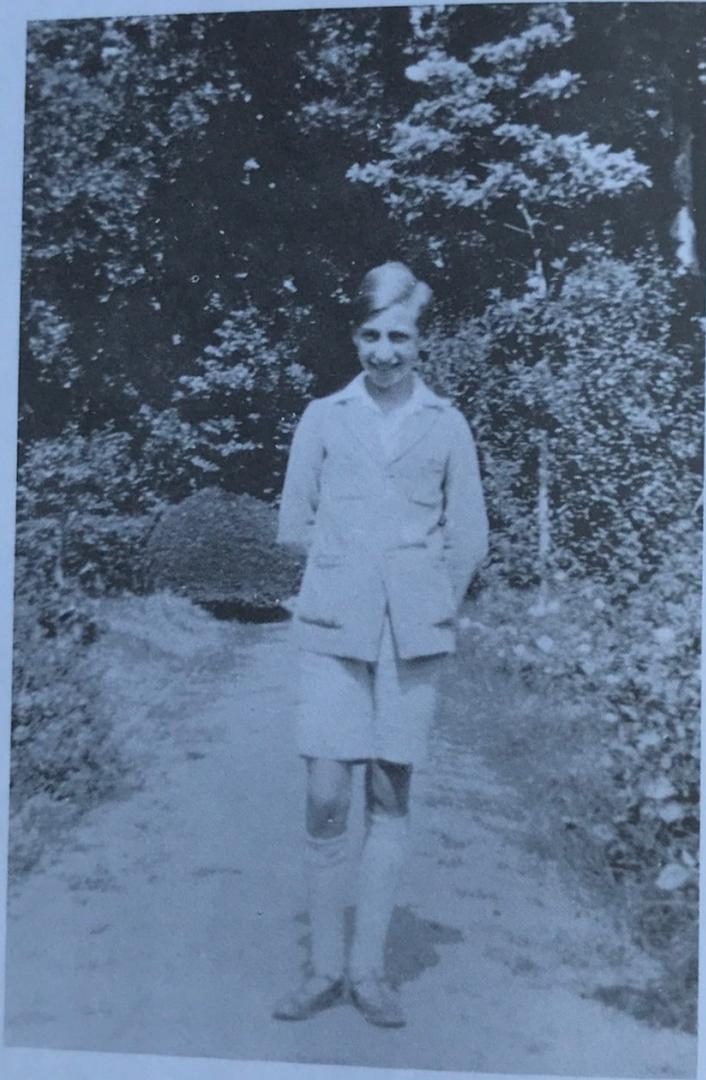
### Os três jardins

“Aquele casa era uma verdadeira maravilha ecológica: não muito grande, colocada ao lado de um jardim bastante vasto, parecia um brinquedo-maquete de madeira (de tal forma o cinza desbotado de seus postigos era suave). Com a modéstia de um chadado, ela era entretanto cheia de portas, de janelas baixas, de escadas laterais, como um castelo de romance. Dando para um só lado, o jardim continha, entretanto, três espaços simbolicamente diversos (e passar o limite de cada espaço era ato notável). Atravessava-se o primeiro jardim para chegar à casa; era o jardim mundano, ao longo do qual se acompanhavam aos passinhos, e com grandes pausas, as damas baionesas. O segundo jardim, diante da própria casa, era feito de miúdas alamedas arredondadas em torno de dois gramados gêmeos; aí cresciam rosas, hortênsias (flor ingrata do Sudoeste), luisiana, ruibarbo, ervas caseiras em velhos caixotes, uma grande magnólia cujas flores brancas chegavam à altura dos quartos do primeiro andar; era ali que, durante o verão, impávidas sob os pernilongos, as damas B. se instalavam em cadeiras baixas, para fazer tricôs complicados. No fundo, o terceiro jardim, com exceção de um pequeno pomar de pessegueiros e framboesiras, era indefinido, ora baldio, ora plantado com legumes grosseiros; íamos pouco ali, e somente pela aléia central.”

O mundano, o caseiro, o selvagem: não é esta a própria tripartição do desejo social? Desse jardim baionês, passo sem estirpato aos espaços romanescos e utópicos de Júlio Verne e de Fourier.

(Essa casa está hoje desaparecida, levada pela Imobiliária baionesa.)





*O grande jardim formava um território assaz estranho. Dir-se-ia que ele servia principalmente para enterrar as ninhadas excedentes de gatinhos. No fundo, uma aléia mais sombria e duas bolas ocas de buxo: alguns episódios de sexualidade infantil ali aconteceram.*

*Fascina-me a empregada.*



*Os dois avôs*



*Em sua velhice, ele se aborrecia. Sempre sentado à mesa antes da hora (embora essa hora fosse constantemente antecipada), vivia cada vez mais adiantado, de tanto que se aborrecia. Ele não tinha nenhum discurso.*

*Ele gostava de caligrafar programas de audições musicais, ou de fabricar leitoris, caixas e coisinhas de madeira. Também não tinha nenhum discurso.*



*As duas avós*

*Uma era bonita, parisiense. A outra era boa, provinciana: embebida de burguesia — não de nobreza, da qual, entretanto, ela saíra —, tinha um sentimento vivo da narrativa social, que desenvolvia num francês apurado de convento, onde persistiam os imperfeitos do subjuntivo; o mexerico mundano a devorava como uma paixão amorosa; o objeto principal do desejo era uma certa Madame Leboeuf, viúva de um farmacêutico (enriquecido pela invenção de um antisséptico), uma espécie de buxo preto, adereçado e bigodudo, que devia ser atraído para o chá mensal (continua em Proust).*

*(Nessas duas famílias de avós, o discurso pertencia às mulheres. Matriarcado? Na China, há muito tempo, toda a comunidade era enterrada em volta da avó.)*





*A irmã do pai: ficou sozinha a vida inteira.*



*O pai, morto muito cedo (na guerra), não estava preso a nenhum discurso da lembrança ou do sacrifício. Por intermédio da mãe, sua memória, jamais opressiva, apenas roçava a infância, com uma gratificação quase silenciosa.*





*O focinho branco do bonde da minha infância.*



*Freqüentemente, à noite, para retornar à casa, uma volta pelas Alamedas marinhas, ao longo do Adour: grandes árvores, barcos deserdados, vagos passeantes, deriva do tédio: rondava por ali uma sexualidade de jardim público.*



Je soussigné, Lion Barthes, Inspecteur aux chemins  
de fer du Midi, en résidence à Marmande (Lot-et-Garonne) reconnais  
devoir à mon oncle, M. Paul Raymond, Chef de bureau à la  
Préfecture de Seine-et-Oise, en résidence à Versailles, la somme  
de Cinq cent francs que je me suis obligé à lui rembourser en totalité  
à la date du premier Décembre mil huit cent quatre vingt quatre, et  
dont je m'engage à lui payer les intérêts à raison de 5% l'an, le  
1<sup>er</sup> Juin 1884 et le 1<sup>er</sup> Décembre de la même année.

À Marmande, le 1<sup>er</sup> Décembre 1883

Approuvé l'écriture ci-dessus.

Barthe Barthes  
né à Sapala.

L. Barthes

Não foi a escritura, durante séculos, o reconhecimento de uma dívida, a garantia de uma troca, a firma de uma representação? Mas, hoje, a escritura vai indo lentamente para o abandono das dívidas burguesas, para a perversão, a extremidade do sentido, o texto...

### *O romance familiar*

*De onde vêm eles? De uma família de tabeliães da Alta-Garonne. Eis-me provido de uma raça, de uma classe. A foto, policial, o prova. Este jovem de olhos azuis, cotovelo pensativo, será o pai de meu pai. Última estase dessa descida: meu corpo. A linhagem acabou produzindo um ser para nada.*





*De geração a geração, o chá: índice burguês e encanto certo.*



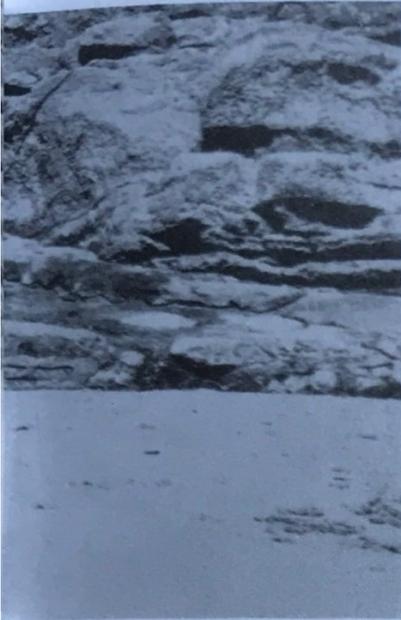


*Le stade du miroir :  
« tu es cela. »*

*O estágio do espelho: "tu és isto."*



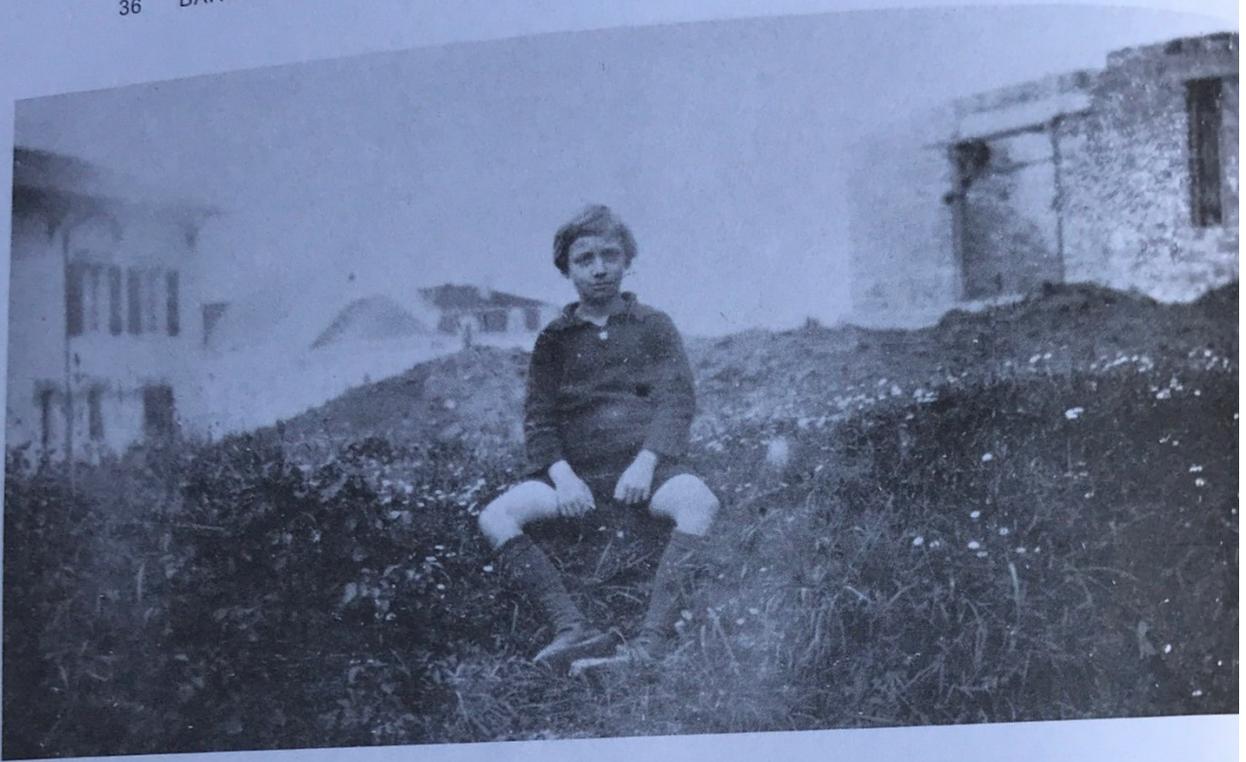
*Do passado, é minha infância que mais me fascina; somente ela, quando a olho, não me traz o pesar do tempo abolido. Pois não é o irreversível que nela descubro, é o irredutível: tudo o que ainda está em mim, por acessos; na criança, leio a corpo descoberto o avesso negro de mim mesmo, o tédio, a vulnerabilidade, a aptidão aos desesperos (felizmente plurais), a emoção interna, cortada, para sua infelicidade, de toda expressão.*



*Contemporâneos?*

*Eu começava a andar,  
Proust vivia ainda e  
terminava a Busca.*





*Em criança, eu me entediava freqüentemente, e muito. Isso começou visivelmente muito cedo, e continuou durante toda a minha vida, por lufadas (cada vez mais raras, é verdade, graças ao trabalho e aos amigos), e sempre foi visível. É um tédio de pânico, chegando mesmo ao desamparo: como aqueles que experimento nos colóquios, conferências, noitadas estrangeiras, divertimentos de grupo: por toda a parte onde o tédio pode ser visto. Seria pois o tédio minha histeria?*



*Desamparo: a conferência.*

*Tédio: a mesa-redonda.*





*“A delícia daquelas manhãs em U.: o sol, a casa, as rosas, o silêncio, a música, o café, o trabalho, a quietude insexual, a vacância das agressões...”*



*A família sem o familialismo.*

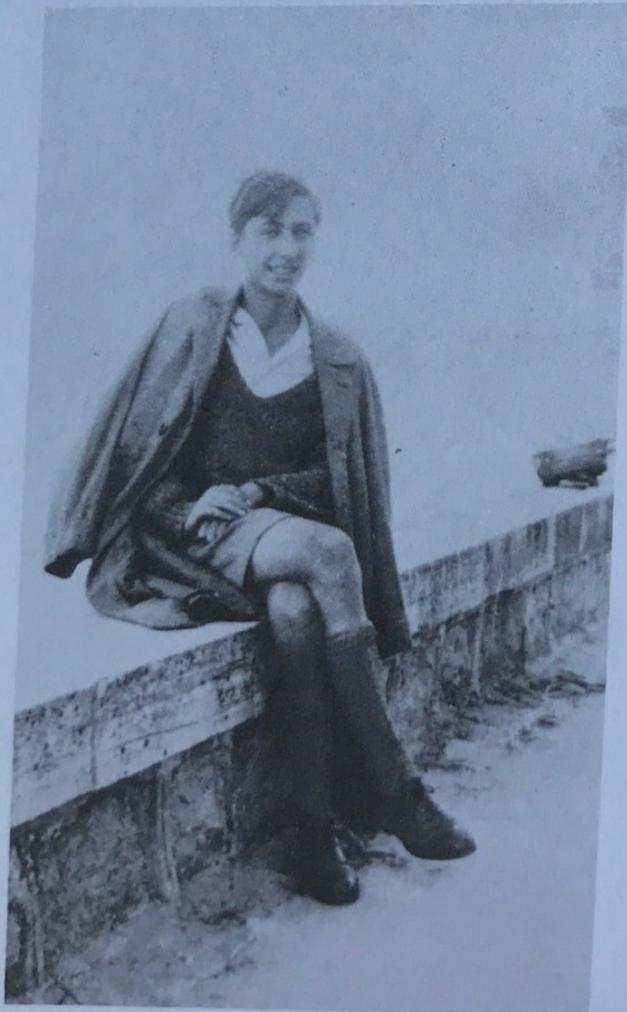


*"Nós, sempre nós"...*



*... mais os amigos.*

*Mutação brusca do corpo (à saída do sanatório): ele passa (ou acredita passar) da magreza à gordura. Desde então, debate perpétuo com esse corpo, para lhe devolver sua magreza essencial (imaginário de intelectual: emagrecer é o ato ingênuo do querer-ser-inteligente).*





*Naquele tempo, os liceanos eram homenzinhos.*

Toda lei que oprime um discurso é insuficientemente fundamentada.

9 Sujet fort bien compris, traité avec goût, personnalité, et de façon très intéressante; - Dans un style un peu gauche par endroits, mais Barthes toujours sûr et sûr. - La "difficulté" samedi 13 Mai 1933.  
 1 A 1 imaginée par vous est assez curieuse; mais pas assez probable. Essayez. Vous qu'on doit attendre une révolution sociale pour que la supériorité de la tête bien faite sur la tête bien pleine apparaisse ?  
 Devon de français.

" J'ai lu dans un li-  
 quel est cet on mystérieux? me qu'on nous apprend à vivre  
 - Votre premier flux est bien d'être quand la vie est passée. La leçon  
 d'être. fut cruelle pour moi, qui, après avoir  
 passé la première partie de ma jeu-  
 nesse dans l'illusion trompeuse  
 d'être un homme invincible parce  
 qu'instruit, me vois aujourd'hui,  
 grâce aux hasards des mouvements  
 politiques <sup>de haut</sup> à un rôle secondaire  
 et fort décevant.

Imp. <sup>Car il y a</sup> le <sup>très</sup> rôle joué qui  
 est décevant; c'est l'espérance d'en obtenir un  
 plus brillant.

Illy.

. Issu de l'aristocratie bour-  
 geoise d'autrefois, qui ne prévoyait  
 certes pas qu'elle touchait à sa fin,  
 je fus élevé par un précepteur à  
 l'ancienne mode, qui m'enseigna  
 beaucoup de choses; il croyait qu'il

*Dario, que eu representava sempre com o maior medo, tinha duas grandes falas nas quais eu corria sempre o risco de me embrulhar: ficava fascinado pela tentação de pensar em outra coisa. Pelos buraquinhos da máscara, eu não podia ver nada, a não ser muito longe, muito alto; enquanto recitava as profecias do rei morto, meu olhar pousava sobre objetos inertes e livres, uma janela, uma saliência na parede, um canto de céu: eles, pelo menos, não tinham medo. Eu tinha raiva de mim mesmo por me ter deixado agarrar naquela armadilha desconfortável — enquanto minha voz continuava sua recitação igual, rebelde às expressões que eu lhe devia dar.*



*De onde vem pois este ar? A Natureza? O Código?*





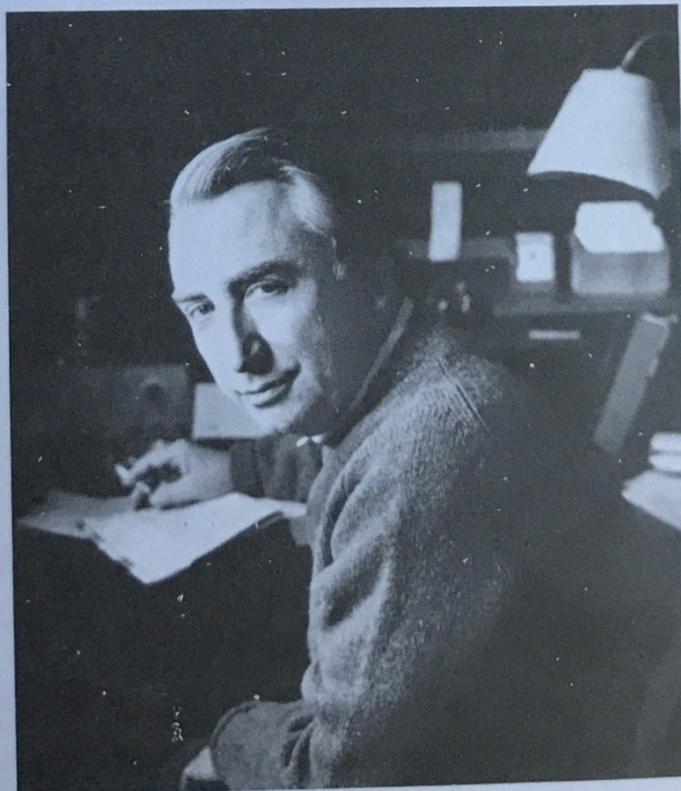
*Mas eu nunca me pareci com isto!*

— *Como é que você sabe? Que é este “você” com o qual você se pareceria ou não? Onde tomá-lo? Segundo que padrão morfológico ou expressivo? Onde está seu corpo de verdade? Você é o único que só pode se ver em imagem, você nunca vê seus olhos, a não ser abobalhados pelo olhar que eles pousam sobre o espelho ou sobre a objetiva (interessar-me-ia somente ver meus olhos quando eles te olham): mesmo e sobretudo quanto a seu corpo, você está condenado ao imaginário.*

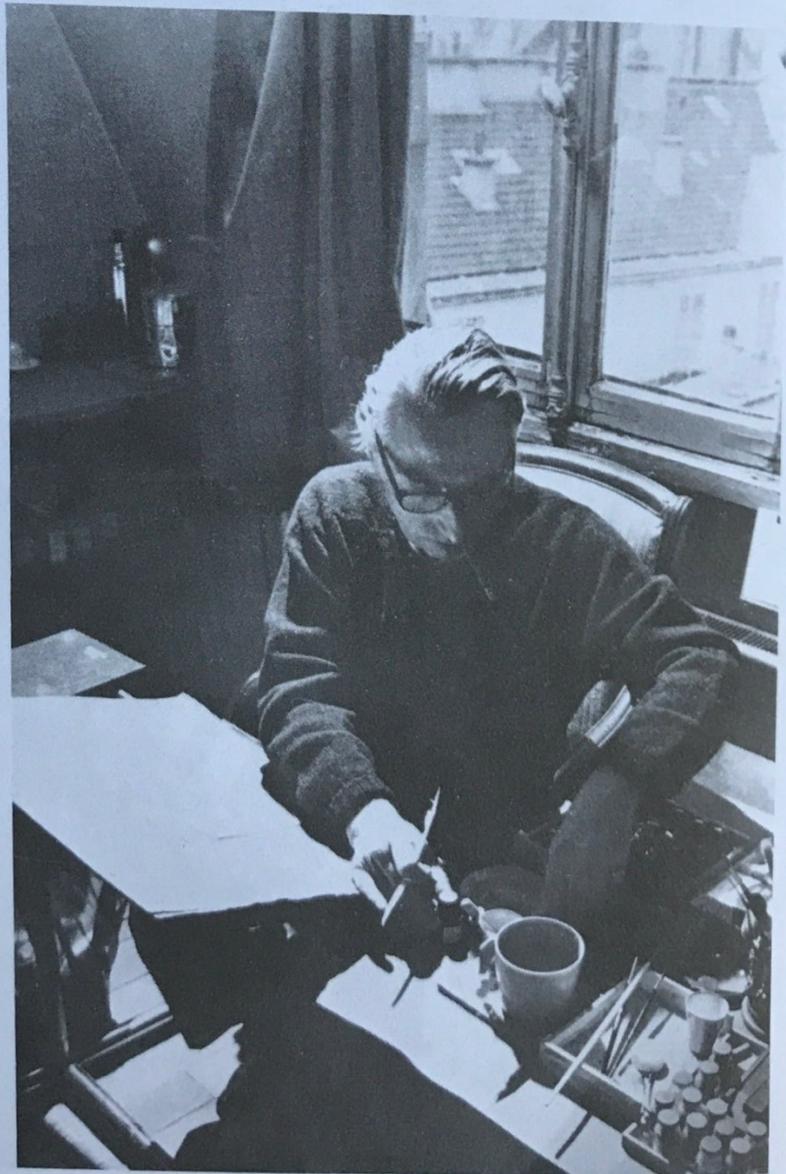


1942

1970



*Meu corpo só está livre de todo imaginário quando reencontra seu espaço de trabalho. Esse espaço é, em toda parte, o mesmo, pacientemente adaptado ao prazer de pintar, de escrever, de classificar.*







*Em direção à escritura*

*As árvores são alfabetos, diziam os gregos. Dentre todas as árvores-letras, a palmeira é a mais bela. Da escritura, profusa e distinta como o repuxo de suas palmas, ela possui o efeito maior: a inflexão.*

*No norte, um pinho solitário  
Ergue-se sobre uma árida colina.  
Cochila; a neve e o gelo  
Cobrem-no com seu branco manto.*

*Ele sonha com uma bela palmeira,  
Lá longe, no país do sol,  
Que se desola, triste e solitária  
Sobre a falésia de fogo.*

Heinrich Heine

